

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Formação de Professores
Departamento de Educação

**O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO SEXUAL NA SALA DE
AULA.**

Juliana Cristina Souza Felix

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo, maio de 2010

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.

Juliana Cristina Souza Felix

Monografia apresentada
como requisito parcial para obtenção
do título de graduada, ao
Departamento de Educação do curso
de Pedagogia da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo, maio de 2010

Aprovada em _____

Banca Examinadora

Helena Amaral da Fontoura – orientadora

Gianine Maria de Souza Pierro - parecerista

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a confecção da minha monografia. Principalmente...

Pela ajuda e paciência da minha orientadora Dr^a Helena Fontoura;

Aos professores entrevistados que gentilmente deram sua importante contribuição para que fosse feito esse trabalho;

Aos meus pais que me ajudaram todo esse tempo, principalmente na minha vida acadêmica;

A minha filha Bruna de 3 anos, a quem durante todo esse tempo não pude dar a devida atenção que ela merece, mas tudo o que fiz foi pensando em nosso futuro.

Resumo

No presente trabalho pontuei as necessidades de discutir sobre sexualidade com os alunos na escola. Muitos educando ainda se sentem perdidos em relação à sua sexualidade, aos seus sentimentos, às suas curiosidades, e como a escola e os professores se colocam diante das dúvidas e problemáticas trazidos pelos seus alunos. Apontei também a grande dificuldade não só da escola e dos professores, mas dos pais e responsáveis em derrubar esse tabu de não discutir ou refletir sobre sexualidade com os filhos/educandos. Através das discussões e reflexões na escola acerca do assunto trará aos alunos o conhecimento das diversas manifestações de amor e carinho de pessoas do mesmo sexo discutindo relações de gênero, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce na adolescência, o que pode ajudar os alunos a construir seus conhecimentos, tirar suas próprias conclusões e saber respeitar as pessoas, acabando com as discriminações e repreensões. Mas infelizmente o corpo docente, a escola em geral, não se sentem preparados teoricamente e didaticamente em fazer essa abordagem com seus alunos, precisando assim de uma formação continuada dos professores e/ou um profissional adequado a discutir periodicamente sobre Orientação Sexual com os alunos. A dificuldade ou a falta de interesse da escola é enorme em seguir o PCN Temas Transversais principalmente sobre a Orientação Sexual, mesmo sabendo da sua importância para que seus alunos se tornem cidadãos éticos e críticos em uma sociedade infelizmente desigual e discriminatória.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação e Sociedade, Formação Continuada.

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução	7
Capítulo 2: Sexualidade – passado e o presente, dúvidas e incertezas.....	17
Capítulo 3: A Pesquisa	27
Considerações finais	33
Referências	36

Capítulo 1: Introdução

A primeira relação sexual na vida dos seres humanos é um fato que acontece e que jamais se esquece. Uma, porque é feita com a pessoa certa e estamos certos o que estamos fazendo e não nos arrependemos depois, pois foi uma situação que foi planejada e consciente. Duas, ou porque foi uma situação repentina, que não estavam preparados para tal relação tanto mentalmente quanto fisicamente, não foi com a pessoa que desejava, etc. Essas situações constantemente acontecem na vida de jovens que preparados ou não têm a sua relação sexual mesmo sem proteção contra doenças e contra a gravidez indesejada.

Em sua pesquisa, Helena Altmann (2006) conversou com alunos de uma escola pública municipal, abordando primeiramente o tema sobre a primeira relação sexual com as meninas e com os meninos; a autora relata que as meninas ficaram mais à vontade do que os meninos. Houve poucos momentos na entrevista em que os meninos falaram sobre essa questão, com eles a entrevista girou mais em torno de situações escolares do que pessoais.

Foram nas entrevistas que se conversou sobre as expectativas em relação à primeira relação sexual, pois essas conversas não ocorriam no cotidiano escolar desses alunos. As meninas ainda ficam muito mais à vontade quando o assunto é sexo e sexualidade, elas se mostram mais curiosas, mais interessadas que os meninos, que, de certo modo se mostram um pouco encabulados ou querem mostrar que conhecem muito mais sobre o assunto que as meninas, talvez pelo mundo machista dos homens ainda vivem, em querer ser mais do que as mulheres.

Percebe-se uma diferença no tratamento dado aos sexos, os meninos na maioria das vezes são desde cedo incentivados pelo pai a ter a sua

primeira relação sexual e as meninas em contra partida são “protegidas” pelos pais a se resguardarem, e retardar cada vez mais a seu primeiro envolvimento sexual.

Durante as entrevistas da autora, ocorreram várias perguntas, diversas dúvidas sobre relacionamento, preconceitos e discriminação com meninas que já tinham perdido a virgindade, que ‘ficavam’ com vários garotos. Ainda tendo em mente que para os meninos é “normal” ficar com varias meninas e quando é ao contrario ocorre a discriminação. Mas isso é uma percepção social, discurso sexual que é passado para os meninos é totalmente diferenciado para as meninas.

“A “perda” da virgindade é um rito irreversível e não repetível, e por isso essa passagem de uma condição para outra é um motivo de grande preocupação para as meninas. A expressão “se perder” é ainda mais amplo, pois, nesse caso não expressa uma condição específica, mas a perda da menina como um todo” (Altmann, 2006).

Esse pensamento que as meninas têm após da sua primeira relação de que se “perderam”, vem do pensamento dos pais, dos amigos, da sociedade em geral em ressaltar que as meninas têm que se manterem castas até o casamento, fato muito raro hoje em dia. Então essa expressão significa para as meninas não só como uma perda da virgindade, mas uma perda de uma identidade, a perda de condição de menina para um surgimento de uma mulher, que tem suas responsabilidades, suas cobranças tanto da sociedade como de si mesma.

Com vários temas sobre relacionamentos abordado nas entrevistas, é a vez de saber como o corpo docente se manifesta sobre esse assunto. Algumas professoras relatam que mesmo elas não valorizando a virgindade em si, elas dão toda a atenção para a primeira relação sexual de seus alunos, não querem que “aconteça por acontecer”, gostariam que fosse planejado, com a pessoa certa. As professoras procuram enfatizar sobre a

importância da relação sexual de um casal e a responsabilidade associada a essa passagem. Quando falavam da camisinha, era apresentada a necessidade de usá-la dentro de uma relação ideal e não consideravam as diversas possibilidades de relação entre duas pessoas. O corpo docente teria que se aprofundar muito mais nesse assunto, pois cabe a ele, cabe à escola como um espaço de trocas de conhecimento, ajudar os alunos a entender melhor sobre a sexualidade em geral.

Não só em falar que se deve usar a camisinha, mas sim falar de situações que podem acontecer, que podem surgir entre duas ou até mais pessoas num âmbito sexual, tem que ser dito sobre as responsabilidades que se adquirem quando se começa a ter as suas relações sexuais; os diversos tipos de relações sexuais que podem acontecer também têm que ser enfatizado pois não é só falar de uma relação ideal, pois existem vários jeitos de se relacionar sexualmente com outras pessoas. Isso tudo tem que ficar bem claro para os alunos, para que eles possam ter consciência de fatos que possam a vir acontecer e não se assustar com isso.

Dentre outros assuntos abordados, Altmann demonstrou que muitos dos entrevistados ainda não tinham passado pela primeira relação sexual, que era motivo de grande atenção, a qual era distinta para meninos e meninas. As intervenções escolares buscavam desenvolver um sentido de responsabilidade em torno da relação sexual, procurando mudar ou adequar os dispositivos que estruturam os comportamentos preventivos. Além de ser recomendado o uso de preservativos para uma prática de sexo seguro, acabava-se aconselhando um modelo de relacionamento no qual a relação sexual deveria ocorrer. O preservativo não era pensado e aconselhado para as diversas formas de relação sexual entre jovens, independentemente da sua durabilidade, orientação sexual, entre outros aspectos.

O não-reconhecimento da sexualidade adolescente pode estar limitando a eficácia das práticas educativas, na medida em que distancia

esses jovens do uso de preservativos ou de métodos anticoncepcionais. Sem o reconhecimento social – e escolar – das diversas formas de jovens se relacionarem sexualmente, a transmissão de informações pode ter um impacto limitado nas suas vidas.

A discussão sobre gêneros é um assunto que requer certo cuidado ao ser abordado. A escola como um espaço para um diálogo, tem que saber como lhe dar corretamente com isso, sabendo respeitar as diferenças e as opções.

“No currículo oficial no Brasil, a Educação sexual não é uma disciplina obrigatória, mas sim um tema a ser transversalizado em outros conteúdos, em que os livros paradidáticos, que não são somente integrantes curriculares, mas também são artefatos culturais.” Ensina “o modo de ser feminino e modo de ser masculino, formas (ou a forma) de viver a sexualidade” (Altmann, 2007).

Poderíamos pensar em aplicar os preceitos dos PCNs, sobre a transversalidade do tema Educação Sexual, pois seria mais um espaço para se aprofundar melhor sobre o tema sexo e sexualidade, ainda mais para esclarecer melhor sobre o gênero. Todos têm que saber que há pessoas que não optam por ter relações com pessoas do sexo oposto, e que se deve respeitar as suas opções e decisões. Abordando esse assunto com os alunos, os professores mostram que a identidade de cada um tem que ser vista e respeitada pelo próximo, pois cada um se responsabiliza pelo que faz.

Altmann diz que

“a discussão da sexualidade na escola fascina muitos e apavoram outros tantos; ou talvez melhor seria dizer que ela fascina e apavora, ao mesmo tempo, a muitos. Mas vale registrar que o momento histórico em que vivemos se mostra mais favorável a essa discussão: a política educacional oficial estimula e recomenda; a demanda infanto-juvenil “obriga”; pais e mães dividem-se entre a objeção, a indiferença e a manifestação favorável; professoras e professores definem-na como projeto político

peçoal e imergem na Educação Sexual. A sexualidade viva, no contexto cultural, é cada vez mais assunto obrigatório na escola, em todos os seus níveis”.

Tem que ser quebrado esse tabu em não conversar de um modo aberto com os alunos sobre sexualidade e de gêneros, esses assuntos não deveriam mais ser motivo de pavor para as pessoas, ainda mais no universo escolar que é um lugar para se descobrir, para conhecer temas que, nem às vezes são a nossa realidade, mas que são favoráveis na vida. A sociedade em si, é quem mais discrimina essas pessoas, mas como a escola forma cidadãos capazes de transformar o mundo, tem que mudar o pensamento negativo sobre gêneros, e enfatizar que o respeito ao cidadão está acima de tudo.

“A escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para construção de sua identidade.”
(PCN, 1998)

A sexualidade está em todos nós desde que nascemos até a nossa morte, iniciando-se no contato com a mãe que amamenta o filho que são as primeiras vivências de prazer, depois a sexualidade infantil que começa a explorar o próprio corpo, observar o corpo dos outros, assim descobrindo a diferença no ser menino e menina; na adolescência as alterações hormonais que os levam ao auge da excitação que dificilmente se consegue controlar, da atividade da masturbação que se intensifica em busca do prazer, são em diferentes etapas, de diversas formas que se manifesta a sexualidade e que está ligada a expressão cultural, a valores passados pela família e pela sociedade que desenvolve regras para o comportamento sexual das pessoas e quem “foge”, “rompe”, “obstrui” essas regras é discriminado pela mesma.

A religião também influencia muito na questão da sexualidade dos seres humano, impondo o que o indivíduo pode e o que ele não deve fazer.

A escola tem que desenvolver ações reflexivas, críticas e educativas em relação às questões da sexualidade que são expressas pelos alunos dentro da instituição, pois a escola, querendo ou não, intervém de formas variadas nas questões que esses adolescentes trazem em si. A instituição de ensino está sempre ditando valores, rígidos ou nem tanto, dependendo do profissional envolvido no momento.

Nas aulas de Ciências Naturais só se trabalha com o aparelho reprodutor, pelo menos na maioria das escolas, dando destaque à reprodução humana, abordando algumas noções de anatomia e fisiologia do corpo humano. Só essa abordagem não supre a curiosidade e a ansiedade dos alunos em conhecer mais profundamente a dimensão da sexualidade, pois fica restrita ao corpo biologicamente falando. Então a escola tem rever seu currículo, e obter um espaço em que as crianças e os adolescentes possam trazer e esclarecer suas dúvidas, formular questões novas e assim diminuir sua curiosidade e ansiedade em relação à sexualidade.

A escola, tendo uma visão das experiências vivenciadas pelos seus alunos, facilitará o prazer pelo conhecimento, e é de suma importância a escola reconhecer que desempenha um papel na educação para uma sexualidade ligada à vida, ao prazer, à saúde e ao bem estar que envolve o ser humano.

“Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o ‘ficar’ e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.” (PCN, 1998).

Essas questões estão freqüentemente na mídia, que influencia bastante no comportamento e no psíquico dos alunos, nos jornais, nas revistas, na internet e que precisam ser debatidas com seriedade e eficiência dentro da escola e com seus familiares, que muitas das vezes não criam espaços ou não dão chance em ouvir as dúvidas dos seus filhos em relação a “certos assuntos”, seja por não ter ou por achar que não tem respostas para suas duvidas ou até mesmo por vergonha em falar de sexualidade com eles, e com isso os deixam curiosos e ansiosos à mercê de informações, às vezes, não verídicas, ouvidas pelos seus amigos e a influência que pode ser exercida na personalidade desses indivíduos.

Não que a escola seja a única responsável em conversar, debater e orientar sobre a sexualidade de seus alunos, mas os pais e/ou responsáveis tem esse dever em complementar e participar na orientação na vida sexual e da sexualidade dos filhos, de um modo de não invadir sua privacidade e respeitando o seu modo de pensar. A Orientação Sexual na escola vai contribuir em muito para o conhecimento e a valorização dos direitos reprodutivos e sexuais de cada um. Esse trabalho de orientação tem que ser claramente explicitada para que toda a comunidade escolar possa participar no processo de produção de conhecimento dos alunos.

Cabe dizer que cada família adota valores como os seus e deseja que os seus filhos assumam o mesmo. Mas a escola tem que informar que existem outros valores além do que os pais passam para os seus filhos, como também crenças existentes na sociedade, e com a exposição de outras opiniões e pontos de vista, o aluno refletirá e formará a sua própria opinião relacionada. Os diferentes temas têm que ser abordados dentro de uma ação pedagógica sem imposição e sem invadir a intimidade e o comportamento do professor e do aluno. É importante também haver uma relação de confiança entre o professor e o aluno para que esses debates fluam com interesse, responsabilidade e respeito.

Freqüentemente quando algum assunto relacionado à sexualidade é abordado na sala de aula, há nitidamente o constrangimento de alguns alunos em falar abertamente sobre o tema, sendo na maioria as meninas, pois elas têm toda uma questão social, cultural e valores postos pela família em as reprimirem, por isso há tanta dificuldade de se expressar, de perguntar abertamente ou falar de suas possíveis experiências sexuais, principalmente em relação ao gênero; por temerem a reação de seus colegas de turma elas são mais discretas. Já os meninos se ‘gabam’ quanto à sua masculinidade, eles têm que mostrar que são “espertos” por já terem uma vida sexual, pois para eles isso é importante para ter certo respeito diante dos alunos mais “consagrados”.

O educador tem que esclarecer o compromisso com o sigilo e respeito diante das informações surgidas nesses debates. Em relação ao debate sobre homossexualidade, dificilmente haverá relato de experiências dos alunos. Muitas das vezes se atribui ao comportamento ou a atitude homossexual as pessoas que se expressam de uma forma menos convencional diferentemente da forma de ser homem ou mulher, e isso gera atitudes discriminatórias em acharem que suas formas de agir são diferentes dos padrões de gêneros ditados pela sociedade. Então o que tem que ser entendido pelos jovens é que cada um tem a sua singularidade, o seu próprio jeito de viver e expressar a sua sexualidade e cabe a todos respeitar isso.

O professor tem que estar aberto para conversar sobre os temas questionados pelos alunos e assim esclarecer suas dúvidas, quando souber tirá-las. Nota-se que em algumas escolas, os professores não querem ou não gostam de se envolver profundamente no assunto de sexualidade, ou por não terem as informações que possam ajudar a esclarecer as dúvidas dos alunos ou por não se sentirem à vontade de falar sobre isso. Muitos também acham que esses assuntos não fazem parte de suas responsabilidades como

profissional, argumentando que sexualidade é uma tarefa que cabe às famílias dos alunos e com isso eles acabam ignorando situações em sala de aula que impliquem em discussões sobre sexualidade, concluindo a dificuldade de abordar o tema junto aos alunos.

Os professores têm que observar as suas dificuldades em tratar sobre o tema, vendo as questões teóricas, as leituras e discussões que se referem à sexualidade, os vários tipos de abordagens e se preparando para uma prática juntamente com os alunos norteando debates acerca do tema para assim produzir conhecimentos e se for possível com o auxílio de pessoas especializadas no assunto. Nestes debates, o professor tem que frisar a valorização da igualdade de gêneros, por exemplo, explicitando a dignidade de cada um individualmente, nas discussões orientadas pelo educador, eles devem respeitar as opiniões de cada aluno e garantir que todos possam participar sem haver desrespeito com os alunos, abordando os preconceitos e trabalhando pela não discriminação das pessoas.

O trabalho da Orientação Sexual também é um auxílio para que os professores reflitam sobre seus próprios valores e preconceitos sobre sexualidade e que eles reconheçam que há outros valores que regem no seu comportamento e o orientam para o seu ponto de vista na sua visão de mundo.

“O papel de problematizador e orientador do debate, que cabe ao educador, é essencial para que os adolescentes aprendam a refletir e tomar decisões coerentes com seus valores, no que diz respeito à sua própria sexualidade, ao outro e ao coletivo, conscientes de sua inserção em uma sociedade que incorpora a diversidade”.(PCN,1998)

Não se pode deixar de enfatizar a grande importância das aulas sobre sexualidade para os familiares dos alunos. Tem que existir diálogo, uma relação de troca (*feedback*) entre a escola e os familiares dos educandos para que assim haja um melhor desempenho dos mesmos. Nesse diálogo, a

escola tem que mostrar que o assunto sexualidade deixe de ser um tabu para se tornar discussão em sala de aula e fazer com que sejam discutidos os pontos de vista de cada um, as diversas opiniões existentes e que assim cada qual poderá refletir e analisar o assunto debatido e tirar suas próprias conclusões.

Certos pais têm receio de conversar com seus filhos sobre assuntos relacionados à sexualidade, esquivando-se de responder, discutir, debater as questões e dúvidas trazidas pelos seus filhos, achando que os mesmos possam seguir valores que não seja os que a família lhe ensinou. A possibilidade de conhecer valores e crenças diferentes faz com que cada aluno forme uma consciência crítica, forme o seu ponto de vista sem imposições dos seus familiares e até da sociedade em si. Então, o apoio dos pais para a inclusão da Educação Sexual no currículo escolar tem um grande valor para a instituição de ensino.

“O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar. Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias”. (PCN, 1998)

A discussão dos temas relacionados à sexualidade na escola é uma grande compreensão da realidade que todos nós vivemos cotidianamente, e essa abordagem requer muito estudo sobre os assuntos discutidos, para que assim todos reflitam e desenvolvam seu pensamento crítico. A escola dando esse espaço para a troca de conhecimento e informações na rotina escolar, poderá fazer com que seus alunos possam se sentir melhor em tirar suas dúvidas, diminuir suas angústias, seus medos e sua curiosidade em relação à sexualidade e com isso contribuirá certamente para um melhor desenvolvimento dos processos escolares.

Capítulo 2: Sexualidade – passado e o presente, dúvidas e incertezas.

Na primeira metade do século XX, falar de sexualidade com os adolescentes era muito difícil ainda mais com as crianças. Segundo os estudos de Freud sobre sexualidade humana, as novas idéias são questionadas quando pode abalar os pensamentos preconceituosos se batido de frente com a sociedade conservadora daquela época.

A evolução humana é feita pela própria práxis do homem, pelo seu modo de pensar, agir e se comunicar. As pessoas produzem idéias que representam sua vida individual e coletiva assim como suas interrelações. (Valladares, 2005).

Segundo Valladares (2005), durante bastante tempo na história da humanidade a sexualidade foi considerada um tabu. Todos tinham vergonha em falar desse assunto, pois era visto como algo impuro, pecaminoso, tudo relacionado ao assunto era considerado feio. Principalmente falar desses assuntos com crianças e adolescentes era algo que nunca poderia acontecer, pois achavam que falando sobre sexualidade eles se tornariam “pecadores”. Muitas crianças eram castigadas de forma violenta e ameaçadora quando a curiosidade em relação à sexualidade era a florada. A curiosidade era saciada com mentiras e historinhas contadas pelos pais quando se perguntava como surgiam os bebês.

Na pré-história, as práticas sexuais variavam de tribo para tribo. Os atos sexuais posicionando a mulher de quatro, eram praticados pelas tribos menos evoluídas, é uma dominação do macho em relação à fêmea, como se ela fosse um animal para procriar. Vemos que o pensamento do homem contemporâneo, pelo menos uma parte significativa da população masculina, de superar, conter, dominar a mulher de todas as formas, vem da idéia pré-histórica. Já nas tribos mais avançadas, as relações sexuais eram feitas com a mulher de frente para o homem, na busca de um maior prazer

sexual. A diferença das tribos, dos indivíduos, das sociedades variam de acordo com a diversas esferas, principalmente a cultural.

Freud foi o primeiro a dizer que a sexualidade juvenil infantil passa por quadros diferentes da sexualidade dos adultos e o desenvolvimento psicosexual do ser humano passa por fases desde o nascimento até a maturidade. E que o meio ambiente é um dos fatores que modificam, abalam, fragilizam os pensamentos dos adolescentes, o que faz com que sejam vulneráveis a certos estímulos vindo do meio.

O capitalismo influenciou bastante nos discursos sobre sexualidade, assim como o aparecimento das ciências humanas. As discussões foram se intensificando em diferentes maneiras, situações e instituições como escola, família, igrejas. A repressão do sexo na modernidade é fácil de ser dominada e manipulada, pois a repressão sexual está diretamente relacionada com o desenvolvimento do capitalismo, e isso tem uma explicação: porque o sexo é incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa. Naquela época a exploração da força do trabalho era extrema e por isso poderia se dissipar nos prazeres sexuais.

“Há dezenas de anos que nós falamos de sexo fazendo pose: consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que é subversivo. Entre o sexo e o poder, a relação é de repressão”. (Valladares, 2005). Essa citação mostra a situação difícil em relacionar-se com a sexualidade, que era reprimida pelas leis estabelecidas, e por isso se falar do assunto era quase que uma imoralidade.

“A questão que Foucault coloca não é o fato de sermos reprimidos, mas dizermos com tanta paixão e rancor que somos reprimidos. Não se trata de toda e qualquer repressão, mas daquela que condena o gosto de energia inútil, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares”. (Valladares, 2005)

É importante analisar a implantação do tema transversal relacionado à sexualidade nas escolas, discutindo alguns temas como o discurso, o dito e o não dito, a hipótese repressiva a sexualidade, uma vez que o silêncio que esconde evidencia práticas adotadas na escola por alunos e professores em relação ao tema da sexualidade.

Para Bourdieu (apud Valladares, 2005) o habitus seria a mediação do indivíduo e a sociedade, dentro de um ciclo de reprodução. Bourdieu mostra o contrário quando se diz que o sistema escolar era libertador. As suas obras mostram que a escola está organizada para reproduzir as idéias ideológicas da sociedade dominante, suas concepções e valores. Sendo assim, suas atividades pedagógicas estariam voltadas para a consolidação e fortalecimento da ordem social em vigor. Isso nos mostra que a escola está a serviço das classes dominantes, e que é dentro dessa instituição que eles são diretamente privilegiadas. A preocupação de Bourdieu é a relação do sistema de ensino com a dimensão social que esse sistema fornece para formação do habitus do indivíduo. Sem dúvida a escola tem um poder de influência muito grande na vida e na formação do indivíduo, e por isso o sistema escolar tem que saber mostrar a realidade para os alunos sem que sobressaia a reprodução social, e respeitando a subjetividade de cada um.

Dentro do espaço escolar os interesses dos alunos e dos professores em torno do assunto sexo e sexualidade é totalmente antagônico. O que os alunos procuram e necessitam de informações sobre o tema, a maioria dos professores não tem tanto interesse em abordar, pois eles detêm o poder no processo pedagógico da escola.

Muitas adolescentes não conseguem desenvolver um diálogo com os seus pais e por isso recorrem aos amigos e a alguns professores que lhe dão espaço para uma conversa sobre sexo e sexualidade. A resposta que muitas dessas adolescentes desejam ter e não logrando êxito, como por exemplo, por que os meninos podem tudo e as meninas não podem nada? Essa é uma

questão que perdura até os dias de hoje, pois ainda vivemos numa sociedade extremamente machista.

“...o homem passa a ser definido por seu trabalho e a mulher por sua sexualidade. É justamente por esse viés que a dominação do homem sobre a mulher se concretiza.”
(Valladares, 2005)

O professor precisa estar disposto de modo a permitir que seus alunos obtenham uma relação de confiança para que questões e dificuldades que eles tenham acerca da temática de sexualidade sejam sanadas, pois os professores podem se colocar no lugar do aluno, afinal das contas o professor também já foi um adolescente um dia e sabe que sexualidade é um assunto muito delicado e que também já vivenciou todas as dificuldades que os seus alunos e alunas estão vivendo em torno desse assunto.

“Um trabalho planejado e articulado, respeitando e considerando a transversalidade do tema sexualidade, poderá servir de suporte a professores e alunos e manter acesa a chama da curiosidade dos “juquinhas” em todos nós.” (Valladares, 2005)

Existem alunos que podem estar um pouco confuso consigo e necessitando de orientação, principalmente no caso que envolve a sua sexualidade. Verbalizamos que a orientação feita numa instituição de ensino tem que ser feita de maneira formal e sistematizada, permitindo a intervenção por parte dos professores. *“É importante ressaltar que a Orientação Sexual realizada através da escola não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa.”* (Valladares, 2005)

Essa orientação sexual dada pela escola é de grande valia para os alunos, pois se há debate sobre questões ligadas à sexualidade, é um espaço para sanar as dúvidas existentes, os alunos têm liberdade para expor seus pontos de vistas, etc. Por isso é de extrema necessidade que haja essa

orientação no espaço escolar, pois a escola faz parte do crescimento dos seus educandos, fazendo que tenham sua reflexão e que se desenvolvam, contribuindo assim para sua formação.

Como o índice de adolescentes com DST/Aids, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce está tendo um aumento considerável no país a partir da década de 80, apesar dos meios de comunicações sobre esses assuntos estarem constantemente na vida desses jovens, parece que não surte o efeito esperado, ou seja, que esses jovens possam ter consciência da importância de haver proteção nas suas relações sexuais.

A importância e a necessidade da transversalidade focando a Orientação Sexual no currículo escolar seriam de grande riqueza para produção de conhecimento dos alunos em relação ao assunto e cotidianamente abordando o tema durante a sua vida escolar fará com que os educandos desenvolvam seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos e políticos.

“São estruturados em três eixos: matriz da sexualidade, (corpo) relações de gênero e doenças sexualmente transmissíveis. No tópico corpo: matriz da sexualidade é explicada sobre reprodução, estimulação sexual, aprofundando sobre a transformação trazida pela puberdade e saúde reprodutiva, mostra as noções do corpo como um todo, trabalhando para construir os conceitos de auto-imagem, auto-estima e respeito ao corpo, abordando as diferenças entre homens e mulheres, explicando as experiências da gestação ao nascimento, englobando a prevenção de DST/AIDS e gravidez, e as ações dos métodos contraceptivos, visando a promoção da saúde. As relações de gênero, dizem respeito ao conjunto de representações sociais e culturais, construído a partir das diferenças biológicas, aborda também as noções de masculino e feminino como construção social, trabalha temas vinculados ao preconceito, visando assertividade e respeito. No tópico Doenças Sexualmente Transmissíveis o enfoque é dado às condutas de prevenção e o preconceito com pessoas soropositivos, trabalhando a prevenção, vias de transmissão, histórico da doença, fazendo a distinção entre portadores do vírus e doente de AIDS, e os tratamentos atuais, desvinculando o contágio de DST/AIDS como um grupo de risco e sim com um comportamento de risco.”(Caderno de Psicopedagogia: v.5 n.9)

O maior problema em abordar essas questões com os alunos é a falta de preparação dos professores em discutir e incluir esses temas em sua matéria dada em sala de aula. Geralmente essa abordagem fica sob a responsabilidade dos professores que lecionam as matérias de ciências e biologia, mesmo sem saber se esse profissional está apto em falar desse assunto. É necessária uma preparação, um treinamento para saber como se deve fazer essa abordagem, estar apto a aumentar seu conhecimento em relação a esses temas que os PCNs indicam.

Essas aprendizagens não se restringem apenas aos professores que lecionam matérias de caráter biológico, mas outros professores de outras matérias, coordenadores pedagógicos, orientadores pedagógicos e educacionais, psicólogos. A falta de um conhecimento mais profundo desses assuntos faz com que as questões e dúvidas dos alunos não sejam devidamente sanadas, e assim como consequência dessa carência de informações, esses profissionais da educação acabam reproduzindo os seus próprios valores.

Os diretores escolares sabendo que há um déficit de professores e profissionais que estejam realmente preparados para abordar esses temas, ficam receosos de passarem informações ao aluno que não seja ideal para esclarecer seus questionamentos e dúvidas em relação a sexo e sexualidade, por isso apelam por respostas prontas como um meio de se desvincular de um aprofundamento maior em relação ao assunto. Por isso a dificuldade de uma escola em desenvolver atividades voltadas a orientações sexuais é constante.

“Se podemos considerar essa nova lei um avanço (Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases que prevê a inserção da Orientação Sexual como tema transversal na grade curricular das escolas), não sabemos ainda, mas pelo que temos observado em nossa prática, os professores de modo geral e a escola como um todo não estão mais abertos à sexualidade dos alunos por conta dessa normalização legal.

Se o argumento de não ter amparo legal por muito tempo serviu de escudo para que nada fosse feito na escola quanto a sexualidade ,atualmente nada ou quase nada ainda se faz ,e não pela falta da lei,mas pela falta de disponibilidade do professorado.” (Valladares, 2005)

Isso nos faz refletir que apesar da LDB, os temas relacionados à sexualidade não é enfatizado no cotidiano escolar, abordados nos conteúdos dados pelos professores como sendo um tema transversal, e que está presente no real cotidiano dos seus alunos. Tudo bem que há falta de professores aptos ou disponibilizados a abordar esse tema que é bastante complexo, mas se a direção, coordenação da escola incentivar os professores, ou alguém do corpo docente a se especializar, fazer um curso de formação continuada relacionado com o tema sexualidade, seria muito bom para a comunidade escolar ter alguém do corpo docente que possa tirar todas as dúvidas dos alunos, orientar, ou simplesmente conversar e ouvi o que esses alunos tem a dizer acerca desse assunto.

A escola deveria dar mais importância no que dizem os PCNs, Temas Transversais sobre a Orientação Sexual, e fazer com que perpassse esse assunto transversalmente no currículo escolar, pois todas as matérias, todas as disciplinas podem abordar o assunto e assim facilitar a construção do conhecimento do aluno e fazer com que os mesmo formem suas próprias opiniões sobre a sexualidade em geral.

Como diz na apresentação do PCN Temas Transversais sobre a Orientação Sexual:

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e a saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da

prevenção das doenças sexualmente transmissível/AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceito arraigados no contexto sociocultural brasileiro.

A escola tendo como função de formar cidadãos éticos capazes de mudar/criar/recriar seu mundo, sua realidade através do pensamento crítico, fazendo com que a sociedade seja mais justa e igualitária, sem preconceitos e discriminações tem o dever de mostrar para seus educandos a realidade do cotidiano em que os mesmo vivem. Os pais e a instituição de ensino têm que ser parceiros na busca de uma formação cidadã e ética dos seus filhos/educandos. O assunto sendo polêmico ou não, tanto a escola quanto os pais/responsáveis têm que estar preparados para as discussões, reflexões sobre a questão da sexualidade.

“Só é possível uma educação sexual nesta perspectiva dupla: de um lado, crítica de todas as construções, significações e modelos históricos e sociais, que envolvem as proibições, os interditos e as permissões; e de outro, o pessoal, o afetivo, o existencial, que a educação tecnicista tende a sufocar num discurso objetivo e distante. Ao educador que se ocupar dessa questão está o desafio de encontrar o justo meio de transmitir essa contradição de maneira honesta e significativa”.(Nunes,2008)

Concordo com essas perspectivas citadas pelo Nunes, que, realmente for trabalhado essas perspectivas na escola, seria um pontapé para as discussões sobre sexo e sexualidade. Mas a preparação do educador para saber passar para o aluno o assunto, desmistificar as construções e significações feita pela sociedade, desde antigamente, acerca da sexualidade é um grande desafio para o profissional da educação. O lado emocional, afetivo, pessoal do aluno, do indivíduo em si, dificilmente esta se aflorando dentro dessas questões, pois tudo é muito rápido, objetivo

dentro do cotidiano, da sociedade atual que vivemos, sem tempo de se abrir e vivenciar tudo que se quer viver e se descobrir em relação à sexualidade.

Não se pode encarar a sexualidade como algo estranho, como se não estivesse dentro de todos nós seres humanos, pois a maioria dos discursos acerca da questão sexual se resume num discurso técnico, frio, num âmbito biológico, psicológico e moral. Nesses discursos deve ter informações sobre suas interpretações culturais e possibilidades significativas, fazendo com que se tenha uma consciência lúcida sobre sexualidade.

“A questão da sexualidade passa a ter maior importância hoje entre todos os educadores. Pois na medida em que as estruturas de toda a sociedade se vêem marcadas com o apelo a uma sexualidade consumista e hedonista, isto é, marcadas pela busca individual de uma forma de prazer, esta característica aparece em qualquer dimensão que realmente se propõe a educar, ou apresentar criticamente toda a cultura humana”. (Nunes, 2008)

Apesar de todas as dificuldades ainda existentes em discutir a sexualidade, os educadores sabem e reconhecem a importância em abordar assuntos relacionados a sexo e sexualidade, pois a sociedade atual vive numa busca incessante pelo prazer, em saber lidar com a questão sexual, sem preconceito e com a consciência de que estão vivendo e fazendo o que desejam no campo da sua sexualidade. A cultura, a religião que envolve e esta também diretamente e indiretamente ligado à questão sexual tem que ser trabalhado nessas abordagens e discussões.

“Seria de extrema pertinência para os educadores e todos os que se mostram motivados a discutir a sexualidade humana e a conveniência e adequação a uma dimensão pedagógica, partir das considerações históricas da sexualidade”. (Nunes, 2008)

Realmente, fazer pesquisas sobre a história da sexualidade seria essencial para que os educadores e outros que se interessam em discutir sexualidade, saber suas raízes, para que se possa compreender melhor e

abordar a sexualidade com uma certa leveza é importante para que os educandos tenha bom entendimento sobre o assunto e que possa tirar suas próprias conclusões acerca do que foi discutido. A sexualidade é um campo essencialmente polêmico, visto que se envolve com elementos como ética, moralidade, religião, universos sociais e/ou subjetivo, pois isso nos discursos e abordagens deve haver a crítica ao senso comum, que é visto como preconceituoso, simplista, cheios de equívocos e de ideologia dominante. Deve-se começar por esse caminho, tendo, inicialmente, essa atitude, para que realmente possa haver uma verdadeira educação sexual.

“A realidade de uma sociedade de conflitos estruturais, revela-se também na sexualidade”. (Nunes, 2008)

Capítulo 3: A Pesquisa

“... a sexualidade é uma experiência inacabada que coloca-nos frente ao desconhecido por toda a vida.” (Valladares, 2005)

É grande a dificuldade dos alunos e professores em abordar as questões relacionadas à sexualidade de forma mais aberta e transversal dentro da escola. Numa conversa informal com os alunos do 9º ano, perguntei se os professores tinham o hábito ou a liberdade em conversar com eles e tirar dúvidas sobre sexo e sexualidade; os alunos me falaram que tiveram uma professora de Ciências no 7º ano que costumava a conversar com eles sobre o assunto, mas alguns pais não gostaram do fato da professora conversar esse “tipo de assunto” com os seus filhos. A aluna H, de 14 anos, me disse que ela se incomodou da forma que a professora abordava o assunto, ela achou a maneira de falar muito vulgar da parte da professora, pois ela ia “a fundo” no assunto. Ela achava que deveria ter um espaço reservado para o debate, palestras, etc. para o diálogo.

Apesar da grande dificuldade em conseguir entrar em algumas escolas para fazer a pesquisa da minha monografia e a resistência de alguns professores em mostrar o que sabem e/ou que não sabem, como se dá a sua prática ou não existe prática acerca do tema sexualidade na escola/sala de aula, consegui algumas informações complementar a minha pesquisa.

O roteiro de entrevista foi o seguinte:

1. Como é ou se é feito a discussão sobre sexualidade na escola e/ou sala de aula?
2. O senhor(a) se sente à vontade ou preparado(a) para falar desse assunto com os alunos?
3. Os alunos têm essa abertura em falar desses assuntos com os professores?

4. O que a senhora (o) acha sobre Orientação Sexual como tema transversal que o PCN propõe em ser aplicado no currículo da escola?

Compareci à escola X, no bairro Jardim Catarina, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, para tentar conversar com algum professor, e fui recebida gentilmente pelo diretor da instituição. Conversei e falei sobre os meus propósitos em fazer a entrevista com algum professor daquela unidade de ensino. Todos os professores estavam em sala de aula e ele por ser também professor de matemática além de diretor da instituição de ensino se propôs a colaborar me dando a entrevista, que na verdade foi uma conversa sobre o assunto.

Quando perguntei sobre os temas transversais focando a Orientação Sexual, se é abordado e como é essa abordagem, o mesmo verbalizou que apesar de terem várias pessoas homossexuais na escola, que são divididos em vários “grupos”, a escola sente um pouco de dificuldade de abordar diretamente esse assunto, por ser um assunto que querendo ou não é polêmico e que necessita de um cuidado e certa sabedoria em saber discutir com os alunos e que infelizmente a escola não possui um profissional para atuar nesta questão.

E em sala de aula, os professores trabalham a questão da sexualidade mais voltada para a cidadania, o respeito ao próximo, a parte fisiológica do corpo humano, etc., mas o aprofundamento do assunto ligado à sexualidade em si, não. Disse que pelo menos ele, quando dava a sua aula de matemática, nunca soube como incluir esse assunto em suas aulas.

Ele me contou um fato que aconteceu na escola, sobre um determinado aluno que chegou à instituição vestindo “top”, com a barriga de fora, vestindo uma saia e todo maquiado como se fosse uma menina. Nessa situação, ele teve que repreender o aluno dizendo que só poderia entrar na escola devidamente uniformizado. Mas que deixou bem claro para o aluno que não era preconceito pelo fato dele se considerar

homossexual, mas sim pela norma da escola de todos os alunos estarem uniformizado dentro da mesma.

Disse que os alunos, sendo todos adolescentes, necessitam de orientação principalmente falar sobre a questão de sexualidade, pois nessa idade os adolescentes se sentem meio que perdidos em relação à sexualidade e como lidar com essa questão. E que sabe da importância da Orientação Sexual na escola, como falam os PCNs, mas que infelizmente não tem ninguém do corpo docente que possa ou que tenha demonstrado interesse em se aprofundar no tema.

Contou que tem um ótimo relacionamento com seus alunos, que dá toda a liberdade para que os mesmos possam conversar com ele sobre todos os assuntos de seu interesse, e o que tiver ao seu alcance em tirar dúvidas sobre todos os assuntos, inclusive sobre sexualidade, ele fará com todo prazer e dentro de seus conhecimentos sem se expor ou expor o aluno.

Em outro momento, compareci à escola Y no bairro de Alcântara, e conversei com o pedagogo, que atua como professor de Filosofia e Sociologia no curso de Formação de Professores e na Formação Geral, e que estava com um tempo vago e se dispôs a conceder a entrevista.

Disse que sempre faz a abordagem sobre sexualidade com seus alunos, através de trabalhos e debates dentro da sala de aula, falando de doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade, pois tem muitos rapazes “afeminados” na escola, gravidez na adolescência, o uso de métodos contraceptivos, pois vê a grande necessidade de discutir esse tema porque as meninas estão engravidando, e outros acontecimentos que vê na escola como a discriminação com as pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, e a falta de uma orientação aos alunos sobre sexualidade porque os alunos pensam que sabem tudo, mas na verdade não sabem nada em relação a sexo e sexualidade. E disse também que essas abordagens geralmente são feitas pelos professores de Filosofia, e que não

sabe se o tema passa transversalmente nas outras matérias, mas acredita que outros professores não falem sobre sexualidade nas suas aulas em sala.

Verbalizou que se sente à vontade em discutir e falar sobre esse assunto, mas somente em sala de aula. E que não dá liberdade aos alunos de falar desse tema com ele fora de sala de aula. E ainda que quando algum aluno chega até ele relatando algum problema mais sério, dependendo do assunto que o aluno quer falar, ele o encaminha até a Orientadora Educacional da escola.

Falou também que a escola estimula os professores a desenvolver trabalhos e discussões sobre sexualidade com os educando e outros temas transversais que estão nos PCNs, pois sabe da importância desses temas para a formação cidadã e ética dos alunos. E inclusive nas reuniões pedagógicas, se é perguntado se os professores abordam o tema sexualidade e outros assuntos que fazem parte do currículo oculto. Contou que não fez nenhum curso de formação continuada relacionado à Educação Sexual.

Percebi que em outro momento, o professor observou que a escola trabalha o PCN em partes, e que os professores não se sentem à vontade e preparados em trabalhar o tema sexualidade em sala de aula. E que a escola nunca promoveu um projeto relacionado à sexualidade envolvendo toda a comunidade escolar, e que acha isso muito importante e que já deu várias idéias para que possam fazer algo envolvendo o coletivo, mas nunca consegue concretizar, ficando o assunto restrito somente em sala de aula.

A próxima entrevistada foi a pedagoga que é Orientadora Educacional na escola W, em Guaxindiba, que foi bem objetiva em suas respostas, pois não teria muito tempo para poder me dar mais atenção. Ela me disse que o tema sexualidade fica restrito aos professores de Ciências e que a escola tem uma parceria com a Secretaria de Saúde que traz palestrantes para discutir planejamento familiar, gravidez na adolescência,

uso de preservativos e dos métodos contraceptivos, etc. que esta parceria com a Secretaria de Saúde está no Projeto Político Pedagógico da escola e a discussão desse assunto nos conteúdos dos professores de Ciências. E que as palestras acontecem geralmente nos dias das Mães ou na semana do dia da Mulher e durante o ano como conteúdo dos professores de Ciências, mas não sabe se outros professores de outras matérias trazem essa transversalidade para suas matérias.

A mesma me disse que não vê e nem sente discriminações com alunos considerados homossexuais, e que os mesmos disseram que essa escola foi a única que teve uma boa aceitação em relação à opção sexual deles. E como a escola tem um alto índice de gravidez indesejada entre as adolescentes, a necessidade de debater sobre sexualidade é essencial no cotidiano escolar e com isso segue ou pelo menos tenta seguir o que dizem os PCNs nos Temas Transversais sobre a Orientação Sexual.

Sabe da responsabilidade da escola em abordar o assunto, pois os jovens de hoje têm que ter o máximo de informações e educação em relação à sexualidade, para sanar suas dúvidas e respeitar a opção e a opinião do próximo, e que gostaria que as famílias fossem mais parceira da escola e dos seus filhos para que os educandos tenham debates e discussões dos dois lados, mas sabe da dificuldade de algumas famílias em conversar sobre sexualidade com seus filhos e então deixam a cargo da escola e de terceiros, que muitas das vezes os confundem e causam ainda mais dúvidas sobre sexualidade.

Disse que os alunos nunca conversaram sobre suas dúvidas em relação à sexualidade e também não se sentiria muito à vontade de conversar com eles sobre o tema, mas faria o possível para ajudar seus alunos dentro das suas condições e da escola.

Consegui também conversar rapidamente com a professora de História dessa mesma escola W em Guaxindiba, que disse saber da

importância de se abordar os temas transversais, principalmente falar sobre a sexualidade, mas confessa não ter uma preparação em discutir sobre o assunto, e nem saberia como introduzir o tema transversalmente na sua aula de história. Disse que seria ideal se alguns professores pudessem fazer cursos de formação continuada principalmente envolvendo o tema sobre sexualidade, orientação sexual, pois não só essa escola como tantas outras precisam abordar e debater com os alunos, a fim de ajudá-los a esclarecer suas dúvidas, acabar com preconceitos, fazendo que haja mais respeito entre os homens, independente de suas opções sexuais, falar sobre métodos para evitar a gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. Disse também que acha que a escola deveria investir mais nesses assuntos e não somente 1 ou 2 vezes no ano.

Confessou que os alunos nunca pediram ou chegaram a ela para discutir ou debater sobre esse tema, nem dentro nem fora da sala de aula. Ela acha que talvez se ela fosse professora de Ciências os alunos poderiam se sentir mais a vontade em falar sobre sexualidade, e tentar esclarecer suas dúvidas com esse professor.

Mesmo sem ela pedir a minha ajuda, eu sugeri que ela poderia falar da história da sexualidade como o pecado capital, dizer o por que somente as mulheres eram queimadas como feiticeira e bruxas no passado, a revolução, a busca dos direitos da mulher, etc., pois tudo se relaciona com a sexualidade, sobre a relação de gêneros.

Falou da sua grande dificuldade em introduzir esse tema transversal em sua disciplina, e que é muito complicado, mas vai tentar ver uma forma em fazer isso transversalmente, para que possa somar ainda mais no processo de conhecimento dos seus alunos.

Considerações finais

O que pude notar que seguir o PCN sobre temas transversais, principalmente abordando o tema Orientação Sexual, ainda é de grande dificuldade na escola; mesmo havendo uma grande necessidade dessa temática, a escola, os professores ainda não estão preparados ou não fazem questão de se aprofundar nesse assunto tão polêmico. Acredito que nem todo o corpo docente esteja por dentro no que dizem os PCN Temas Transversais que tratam sobre a Orientação Sexual ou que não dêem a real importância ao assunto, talvez por acharem que sua obrigação é dar o currículo escolar na íntegra durante o ano letivo, sem se “desviar” para trabalhar os temas transversais durante o período escolar. A não ser que tenha uma mobilização por parte da escola em discutir o tema ou influenciar os professores a obter mais conhecimento acerca do assunto sexualidade para que possam se sentir mais à vontade e seguros para discutir o assunto com seus alunos.

Em uma das entrevistas, um diretor/professor de matemática disse sobre a dificuldade de falar sobre a educação sexual na sua escola apesar de ter bastante homossexuais na instituição, ora mas a educação sexual não se retém a um público específico, mas sim para todo o corpo escolar que precisam tirar suas dúvidas e obter informações necessárias em relação a sexualidade. Não se pode achar que existem algumas pessoas, ou algum grupo específico de pessoas que precisa de uma gama de informações maior do que outras, isso é um equívoco.

A educação sexual, bem como a educação para a saúde, ética e cidadania, desigualdades sociais, educação ambiental, trabalho e consumo, informática e as novas tecnologias são realidades do mundo atual, e a escola tem que trabalhar no cotidiano, interdisciplinadamente e integrada

no currículo escolar e assim facilitando a compreensão e o aprendizado dos seus educandos, visando sua formação cidadã.

Temos a convicção de que a realidade do mundo, da sociedade em que vivemos, tem que ser abordada na escola cotidianamente para que os alunos não se alienem com falsas verdades, e que os rotulem conforme a pensar da sociedade opressora e dominante. Os temas transversais geram polêmicas, principalmente o que aborda a Orientação Sexual, pois falar de sexo e sexualidade sempre gera polêmica tanto na escola, nas famílias e na sociedade em geral.

A dificuldade em abordar a sexualidade, tanto na escola como um todo quanto na sala de aula é nítida vista pelas entrevistas, mas também a falta de interesse, até um pouco de resguardo dos professores em discutir esse assunto é um fator dificultador que faz com que os alunos continuem com suas dúvidas e incertezas, e que muitas vezes a família fica alheia nessas discussões com seus filhos. O que percebi na pesquisa é que as escolas e o corpo docente não dão a devida importância aos temas transversais do PCN, mas têm a consciência da sua importância, e não fazem questão em trabalhar os assuntos em sala de aula, por talvez acharem que sua obrigação é somente dar o currículo sem a transversalidade, por acharem mais fácil e por não terem tempo em investir em uma formação continuada, e que seria o fundamental para se aprimorar e saber como lidar com certos assuntos polêmicos, principalmente a sexualidade, para ter o domínio do tema a ser abordado com eficiência e eficácia.

Procurar ser parceiro da comunidade, e principalmente da família dos alunos é muito importante para que a escola e o corpo docente possam ter um estímulo a mais em procurar levar mais informações, esclarecer dúvidas, fazer com que seus alunos possam entender seus sentimentos que muitas vezes os confundem, criar mais projetos relacionados a sexo e sexualidade, pois se ficar um jogando a responsabilidade no outro, a escola

na família e a família na escola em esclarecer e discutir temas polêmicos como a sexualidade, nenhuma das partes logrará êxito em levar a devida informação e conhecimento aos seus alunos/filhos. A união da família com escola facilitará e beneficiará a construção de conhecimento e do pensamento crítico dos educandos, não só em relação ao tema sexualidade, mas também desenvolver suas competências e habilidades como um todo.

A escola sabe que a sociedade muda constantemente e que a instituição de ensino tem que acompanhar essa mudança. Mostrar as diversas faces sociais é um dever da escola, assim como fazer com que seus alunos façam parte e compartilhem seus conhecimentos, troquem informações e desenvolvam seu pensamento crítico. O respeito ao próximo é fundamental para que se possa viver e transformar uma sociedade mais justa para todos.

Referências:

ALTMANN, H. Educação Sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200004&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 13/12/2009

FURLANI, J. Sexo, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200011&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 27/01/2010

NUNES, C.A. Desvendando a sexualidade. São Paulo: Papirus,2003

Parâmetros Curriculares Nacionais: *Temas transversais* / Secretaria de Educação Fundamental.

PECORARI, Eliane Porto Di Nucci; CARDOSO, Luciana Roberta Donola; FIGUEIREDO, Tathiana Fernandes Biscuola. Orientação sexual em escolas de ensino fundamental: um estudo exploratório. **Cadernos de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 5, n. 9, 2005.

Disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 30/09/2009

SILVA, D.P.M. “*Gênero e Sexualidade nos PCNs: uma proposta desconhecida*.” Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-2871--Int.pdf>. Acessado em 05/02/2010

VALLADARES, KK. **Sexualidade**: professor que cala nem sempre consente. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.